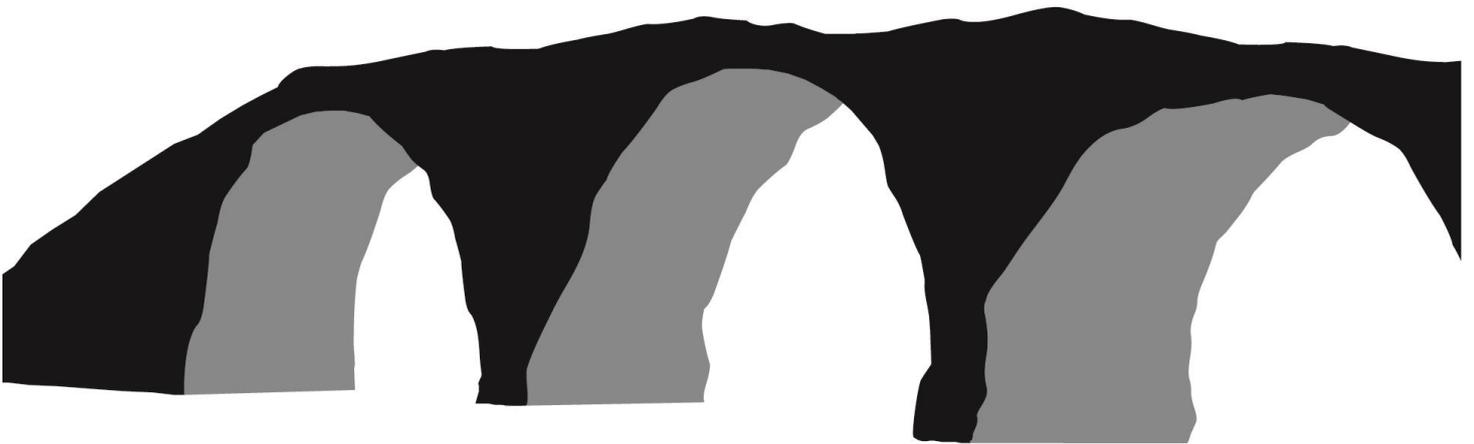
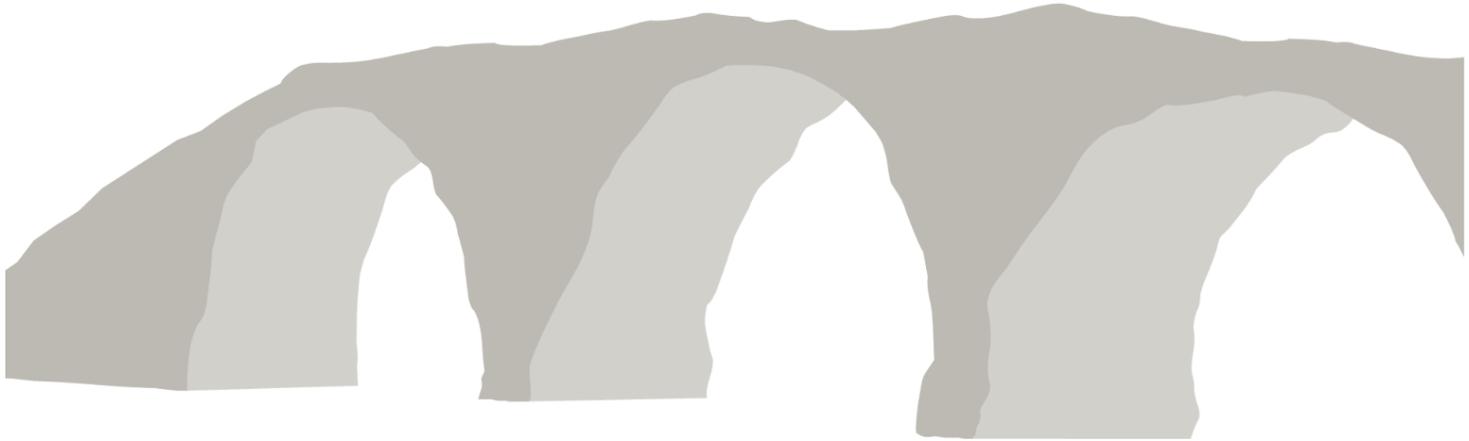


VESTÍGIOS – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica  
Volume 12 | Número 2 | Julho – Dezembro 2018  
ISSN 1981-5875  
ISSN (online) 2316-9699

## APRESENTAÇÃO

Mariana Petry Cabral





## APRESENTAÇÃO

---

Este volume da *Vestígios – Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica* – foi elaborado a partir de um convite dos atuais editores – Andres Zarankin e Melisa Salerno – no intuito de contribuir para uma aproximação que pode ser rica e proveitosa entre a arqueologia histórica e perspectivas marcadamente etnográficas que têm ganhado fôlego nos últimos anos dentro da arqueologia. A gentileza desse convite me deixou ao mesmo tempo animada e apreensiva.

De um lado, eu não apenas concordava com a sugestão dos editores sobre o potencial dessa aproximação, como andava justamente pensando em encaminhar um artigo para a *Vestígios*, como uma forma de provocação ao que normalmente entendemos como “arqueologia histórica”. Esta vertente da arqueologia nunca foi para mim um lugar de identificação, mas meu envolvimento com uma população indígena amazônica nos últimos anos me incentivou a voltar muitas vezes à crítica sobre supostos limites temporais na definição do que seria “histórico” na arqueologia. Minha ideia de provocação à *Vestígios* era justamente apontar que uma arqueologia colaborativa, com povos indígenas na Amazônia, também é “arqueologia histórica”; ou, inversamente, que a arqueologia histórica também é a arqueologia feita com coletivos indígenas no contemporâneo. Se essa ideia muito me animava ao receber o convite, também me gerou alguma apreensão. Até que ponto, eu me perguntava, essa ligação, que me parecia tão evidente entre arqueologias etnográficas e arqueologia histórica, de fato interessaria às pessoas leitoras de uma revista marcadamente voltada para arqueologia histórica latino americana. De certo modo, me parece que essa era a aposta que os editores fizeram ao me convidar a editar este volume, e espero que o conjunto de textos reunidos aqui contribua para incentivar que aproximações como esta sigam ocorrendo e se desdobrando, demonstrando o potencial que a arqueologia tem em provocar e alimentar transformações não apenas na disciplina, mas também para fora dela.

Como guia para a construção deste volume, partimos da observação de que, nos últimos anos, a arqueologia tem sido palco de inúmeras reflexões sobre as possibilidades de compreendermos a diversidade das experiências humanas a partir de diferentes perspectivas. A estabilidade que conceitos como ‘sujeito’ e ‘objeto’ tiveram por muito tempo dentro do pensamento moderno ocidental tem sido contestada a partir de outros lugares de pensamento. Na arqueologia, múltiplas experiências de aproximação com coletivos humanos, dialogando com a Etnoarqueologia (Cunningham & MacEachern 2016; Eremites de Oliveira 2016), a Arqueologia do Presente (González-Ruibal 2008), Arqueologias Colaborativas (Atalay, 2012), Arqueologias Indígenas (Atalay, 2006; Silva, 2012; Machado, 2017), Arqueologias Etnográficas (Castañeda 2008; Hamilakis & Anagnostopoulos, 2009) e outras, evidenciaram – para além dos profundos abismos entre sistemas de conhecimento – possibilidades de construção de pontes entre modos de conhecer. A arqueologia, nesse sentido, é vista como um modo de atuação no presente, entendendo a construção do passado como um mecanismo ativo e relevante de disputas políticas no contemporâneo (Diaz-Andreu, 2001; Heckenberger, 2004; Battle-Baptiste, 2011). Tais movimentos desestabilizam o aparato científico convencional da arqueologia, promovendo transformações em diferentes escalas: desde reflexões semânticas a alterações profundas nas práticas e nos resultados da pesquisa.

A chamada virada etnográfica da arqueologia (Castañeda, 2008) expôs a disciplina a relações diretas de pesquisa com populações vivas nos mais diversos contextos, nos conduzindo a debates muito importantes sobre outros modos de conhecer e de existir no mundo (Alberti, 2016; Cabral, 2017). Estas reflexões têm desdobramentos para além das pesquisas em contextos com coletivos humanos vivos, justamente por desestabilizarem nossas práticas e nossas teorias. Na arqueologia pré-colonial, em especial, várias pesquisas têm experimentado pensar a construção do passado a partir de outros lugares de conhecimento, buscando aplicar outras perspectivas ontológicas para guiar as reflexões, com o potencial de produzir passados diferentes, a partir de outras lógicas de pensamento (Alberti & Marshall, 2009; Barreto, 2014; Cabral & Saldanha, 2011; Gomes, 2012).

Partindo deste potencial de transformação da disciplina, ativado no diálogo com outras ontologias, este volume incita a também pensarmos sobre os desdobramentos que outros modos de conhecer podem ter dentro da arqueologia histórica. Que contribuições as perspectivas etnográficas podem oferecer? De que modo outros modos de conhecer e de existir atingem nossas formas de produção de passado? Que outros passados podem ser construídos? Quem são os ‘sujeitos’ desses passados? Que outros modos, para além dos caminhos etnográficos, podem ser ativados na construção dessas narrativas?

O conjunto de textos reunidos aqui oferece algumas entradas para avançar nessa discussão, ainda que certamente sem qualquer intuito de responder em definitivo as questões levantadas. Os cinco artigos trazem experiências bastante diversas, que refletem não apenas as trajetórias particulares das pessoas que os escreveram, mas também modos de construção da pesquisa que transbordam sobre as próprias relações que são construídas com as outras pessoas que povoam nossos projetos, nossas práticas e nossas reflexões.

Em “Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia”, Gabby Hartemann e Irislane Pereira de Moraes nos incitam a refletir sobre nossa atuação a partir de um posicionamento eticamente respeitoso não apenas com as outras pessoas, mas também com nossas ancestralidades, trazendo suas próprias existências como força transformadora da pesquisa. Partindo de experiências de pesquisa com populações negras na Amazônia, em dois contextos bem distintos (na Guiana Francesa e no estado do Pará), Hartemann e Moraes nos trazem uma contribuição importante do que caracterizam como perspectivas afrocentradas, deslocando o eixo de pensamento e de ação convencional da arqueologia para demonstrar a potência deste outro lugar na construção de conhecimento, inclusive arqueológico.

No segundo artigo do volume, escrito como uma troca de correspondências, José Alberione dos Reis e eu (Mariana P. Cabral) usamos o tom coloquial e afetivo para compartilhar percepções, reflexões e ideias sobre fazer arqueologia no contemporâneo, com múltiplas pessoas envolvidas nas diferentes esferas de pesquisa. O artigo “Precisamos falar sobre tempo, cosmologias ameríndias, ontologias e outras... Mas, o que é que a arqueologia tem a ver com isso?” dialoga diretamente com algumas das proposições que este volume se colocou, discutindo transformações que estão em curso nos nossos modos de interagir com outras pessoas, tanto teórica quanto praticamente.

Já no artigo de Marcia Bezerra, “O machado que vaza ou Algumas notas sobre as pessoas e as superfícies do passado presente na Amazônia”, ela nos oferece uma instigante reflexão sobre o lugar da superfície na arqueologia. A partir de uma observação perspicaz sobre modos como pessoas na Amazônia interagem com as coisas que chamamos de arqueológicas e informada por reflexões teóricas diversas, Bezerra nos provoca a

pensar o arqueológico a partir de outros referentes que estão nas pessoas da Amazônia e nos seus diversos modos (oníricos, afetivos, imaginativos) de perceber e explicar as coisas.

Também a partir da Amazônia, no artigo “Uma perspectiva ontológica para uma análise etnoarqueológica das paisagens do Lago Amanã, baixo Japurá, Amazonas”, Jaqueline Gomes busca desestabilizar o modo convencional de pensarmos paisagem na arqueologia. Seguindo as pessoas que moram no entorno do Lago Amanã, ela demonstra como as paisagens são construídas, apropriadas e usadas em relação a um conjunto de elementos muito mais amplo do que nossas categorias arqueológicas podem conter, estimulando uma crítica importante sobre os limites dos nossos conceitos e perspectivas.

Como fechamento do volume, trazemos a tradução de um artigo de Rodney Harrison, publicado originalmente na revista *Historical Archaeology*, em 2016 (Harrison, 2016). Este artigo foi gentilmente cedido para publicação por cortesia da Society for Historical Archaeology, por intermédio de Christopher N. Matthews (editor da revista) e do autor do artigo. Em “Arqueologias de futuros e presentes emergentes”, Harrison traz provocações muito pertinentes sobre a necessidade de engajamento da arqueologia com a construção de futuros, defendendo uma aproximação direta da arqueologia histórica e das arqueologias etnográficas como um movimento essencial para expressar a relevância da arqueologia no mundo contemporâneo. A pertinência de suas reflexões em relação ao que este volume se propõe foi a motivação para oferecer essa tradução em língua portuguesa.

Este diversificado conjunto de artigos certamente não encerra a discussão – extremamente relevante neste contexto – sobre o potencial da aproximação entre a arqueologia histórica e as arqueologias etnográficas. Em tempos de discursos de exceção e de violência, este volume nos oferece perspectivas inclusivas, respeitosas e eticamente guiadas da prática arqueológica, demonstrando o potencial que diálogos reais e abertos entre nós e outras pessoas têm na transformação das nossas práticas, que impactam diretamente as existências não apenas das outras pessoas, mas também de seus próprios mundos. E esta é uma tarefa que cabe a todas as arqueologias.

Belo Horizonte, 15 de Dezembro de 2018.

Mariana Petry Cabral – editora convidada

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Benjamin & MARSHALL, Yvonne. 2009. Animating Archaeology: Local Theories and Conceptually Open-ended Methodologies. *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 19 (3): 344-356.
- ALBERTI, Benjamin. 2016. Archaeologies of Ontology. *Ann. Rev. Anthropol.*, vol. 45 163-79.
- ATALAY, Sonia (Org.). 2006. *Decolonizing Archaeology (American Indian Quarterly)*. 30 (3 & 4).
- ATALAY, Sonia. 2012. *Community-based archaeology: research with, by, and for indigenous and local communities*. University of California Press, Berkeley/ Los Angeles/ London.
- BARRETO, Cristiana. 2014. Modos de figurar o corpo na Amazônia précolonial. In ROSTAIN, Stephen (Org). *Antes de Orellana: Actas del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. Instituto Francês de Estudios Andinos/ Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales/ Embajada de EEUU, Quito. pp. 123-131.
- BATTLE-BAPTISTE, Whitney. 2011. *Black Feminist Archaeology*. Left Coast Press, Walnut Creek.
- CABRAL, Mariana Petry & SALDANHA, João Darcy de Moura. 2011. Du corps à la ceramique: un regard sur les objets funeraires Aristé. In THYS, Marianne (Org). *Índios no Brasil*. Europalia International, Bruxelas. pp. 135-136.
- CABRAL, Mariana Petry. 2017. Sobre el ronquido del hacha y otras cosas extrañas: Reflexiones sobre la arqueología y otros modos de conocimiento. In PELLINI, José Roberto, ZARANKIN, Andrés & SALERNO, Melisa (Org). *Sentidos Indisciplinados: Arqueología, Sensorialidad y Narrativas Alternativas*. JAS Arqueología S.L.U., Madrid. pp. 221-249.
- CASTAÑEDA, Quetzil. 2008. The "Ethnographic Turn" in Archaeology. In CASTAÑEDA, Quetzil & MATTHEWS, Christopher (Org). *Ethnographic Archaeologies: Reflections on Stakeholders and Archaeological Practices*. Altamira Press, Plymouth. pp. 25-61.
- CUNNINGHAM, Jerimy J. & MACEACHERN, Scott. 2016. Ethnoarchaeology as slow science. *World Archaeology*, vol. July 1-13.
- DIAZ-ANDREU, Margarita. 2001. Nacionalismo y Arqueologia: el contexto político de nuestra disciplina. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, vol. 11 3-20.
- EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. 2016. Etnoarqueologia, colonialismo, patrimônio arqueológico e cemitérios Kaiowá no Estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Revista de Arqueologia SAB*, vol. 29 (1): 136-160.
- GOMES, Denise M. C. 2012. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. *Bol. Mus. Para. Emilio Goeldi Ciências Humanas*, vol. 7 (1): 133-159.
- GONZÁLES-RUIBAL, Alfredo. 2008. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In SALAZAR, Juan, DOMINGO, Inés, AZKÁRRAGA, José M. & BONET, Helena (Org). *Mundos Tribales: una visión etnoarqueológica*. Museu de Prehistòria de València, València. pp. 16-27.
- HAMILAKIS, Yannis & ANAGNOSTOPOULOS, Aris (Org.). 2009. *Archaeological Ethnographies (Public Archaeology, v.8, n. 2-3)*. Maney Publishing, Cambridge.
- HARRISON, Rodney. 2016. Archaeologies of Emergent Presents and Futures. *Historical Archaeology*, vol. 50 (3): 165-180.
- HECKENBERGER, Michael. 2004. Archaeology as indigenous advocacy in Amazonia. *Practicing Anthropology*, vol. 26 (3): 35-39.
- MACHADO, Juliana Salles. 2017. Arqueologias indígenas, os Laklãnõ Xokleng e os objetos do pensar. *Revista de Arqueologia SAB*, vol. 30 (1): 89-119.
- SILVA, Fabíola Andréa. 2012. O plural e o singular das arqueologias indígenas. *Revista de Arqueologia SAB*, vol. 25 (2): 24-42.